

TURISMO NA AMAZÔNIA - UMA OPÇÃO “ECO” LÓGICA

Silvio M. de Barros II*

RESUMO: Análise do Turismo como uma das alternativas de desenvolvimento sustentável para o Amazonas. Faz uma abordagem que vai além da discussão conceitual de qual o tipo de turismo que pode de fato promover os benefícios sociais, econômicos e ambientais que o povo do Amazonas espera. Que tipo de turismo o mundo está disposto a aceitar, sob o conceito (critério) de “sustentável”? Terá este tipo de turismo uma demanda e poder econômico, para gerar os resultados esperados? Qual o tipo de pobreza que, atualmente, está ameaçando o Amazonas? O que pode ser feito ou está sendo feito, para abordar o problema e determinar a conduta política apropriada a ser implementada?

UNITERMOS: Turismo: Amazônia; ecoturismo; turismo ecológico. Ecoturismo: turismo sustentado; política.

ABSTRACT: The paper presents an analysis of tourism becoming one of the alternatives for sustainable development of the Amazon and goes further into the conceptual discussion of what type of tourism could in fact promote the social, economic and environmental benefits that the Amazonian peoples are. Which type of tourism is the world ready to accept under the criteria of “sustainable”? Has this type of tourism demand and economic power to generate the results that are expected? Which kind of poverty is actually threatening the Amazon? What can be done or is being done to approach the problem and determine the appropriate policies to be implemented?

KEY WORDS: *Tourism: Amazon; eco-tourism; ecologic tourism. Eco-tourism: sustainable tourism; policies.*

(*) Engenheiro Civil pela Universidade de Maringá (Paraná). Presidente da EMAMTUR - Empresa Amazonense de Turismo. Subsecretário de Turismo do Amazonas. End. para correspondência: EMAMTUR - Av. Tarumã, 379 - 69825 - Manaus - AM - Brasil.

1 A QUESTÃO DA ADMINISTRAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS NA AMAZÔNIA

Cada dia mais a interdependência econômica e política entre as diferentes nações do mundo vai tecendo um mosaico quase que inextinguível, forçando-as a um sistema de negociação onde as pressões e concessões são proporcionais aos créditos e interesses de cada uma das partes. Durante os últimos anos o Brasil vem sendo criticado e pressionado a assumir uma posição clara e equilibrada no que diz respeito à administração dos recursos naturais da Amazônia, propriedade e território brasileiros, mas filosoficamente considerados patrimônio da humanidade em função da repercussão que seu manejo pode provocar no equilíbrio ecológico e climático do Planeta.*

A biodiversidade é reconhecida em todo o mundo como uma reserva que precisa ser protegida, pois depositada neste banco genético pode estar a cura de doenças, o controle de pragas, enfim, a esperança para a vida de milhões de pessoas. Da mesma forma já não se discute mais a influência das florestas no clima global. Está provado que da mesma forma que a poluição dos países ricos atravessa fronteiras e altera as condições atmosféricas, o desmatamento e o desequilíbrio ecológico nas florestas tropicais também tem sua contribuição neste processo. Junto com o reconhecimento do valor econômico e ecológico das florestas, no entanto, veio a constatação de que este valioso patrimônio está sob a propriedade e responsabilidade dos países mais pobres do mundo, situados na África, Ásia e América do Sul. Buscar o ponto de equilíbrio e as soluções para estes problemas não deve ser considerado interferência internacional, mas, como disse o Chanceler Helmut Kohl, é um assunto para “cooperação global”.

Estamos falando da sobrevivência da Terra e quando se fala disto não existe primeiro nem terceiro mundos mas um só mundo (John Major).

É preciso, no entanto, diferenciar esta cooperação global de interferência na soberania dos países, pois em muitos casos os interesses econômicos os confundem.

A intensa pressão internacional pela conservação das florestas tropicais forçosamente tem que dar espaço às não menos fortes pressões internas de desenvolvimento da Amazônia, explorando os

(*) Hoje é incontestável a importância das florestas tropicais no equilíbrio ambiental da Terra.

recursos naturais e o território sobre os quais o Brasil é soberano. Soberania esta que deveria ser traduzida em atender as necessidades de seu povo, proporcionando-lhe condições dignas de sobrevivência. Na verdade ninguém tem mais interesse na Amazônia que o Brasil.

Estas duas situações deverão caminhar num futuro não muito distante para um equilíbrio ou superposição harmônica. Chegaremos ao ponto de identificar alternativas de aproveitamento econômico da região, que sejam compatíveis com uma administração racional dos recursos naturais através do desenvolvimento auto-sustentado, por exemplo.

Hoje, contudo, a interseção aceita pelas duas forças resume-se a pouquíssimas atividades que poderiam receber total incentivo governamental bem com suporte institucional, político e financeiro da comunidade internacional. Entre elas estão o turismo, a indústria da pesca, agro-indústria, bio-indústria e indústria madeireira (com manejo florestal). Pelo menos esta foi a conclusão a que chegou o Simpósio Internacional - Cenários de Desenvolvimento Sustentável na Amazônia - Alternativas Econômicas e Perspectiva de Cooperação Internacional*.

2 QUE TIPO DE TURISMO RECEBERIA O RÓTULO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL?

É aqui que entra o conceito de ecoturismo, uma modalidade nova que nos últimos anos vem despertando maior interesse por parte de destinos, consumidores e acadêmicos. Apesar de existirem muitas definições para esse termo, não existe consenso de alguma especificamente que possa ser adotada a nível global. Mas há o reconhecimento apenas de que deve ser enquadrado nessa modalidade todo o tipo de turismo que “promova” a conservação de recursos naturais e culturais de determinadas localidades ou comunidades.

Enquanto as questões mais teóricas não se definem, na prática vai se consolidando a tendência mundial voltada para o turismo ecológico.

Segundo estudos de comportamento do mercado realizados pela OMT¹, o turismo enfrentará nos anos 90 um período de profundas modificações, resultado de transformações sociais e econômicas pelas quais passa o mundo e conseqüência, também, de um maior grau de

(*) Esse evento foi promovido pela SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia -. GTZ - Deutsche Gesellschaft Für Technische Zusammenarbeit - e PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

conscientização da importância do equilíbrio ambiental para a sobrevivência do homem sobre a Terra. O turismo orientado para a natureza passa a assumir a liderança como segmento que apresenta a mais rápida taxa de crescimento no setor. Esta modalidade vem responder à tendência mundial de combinar a maior compreensão das questões sociais e ambientais com o prazer de viajar.

Nesse contexto, o surgimento de uma demanda conseqüente de um elevado nível de conscientização ambiental nos países ricos e já desprovidos de recursos naturais vem de encontro às necessidades dos países pobres, dotados de grandes reservas naturais e buscando seu desenvolvimento econômico, se possível com a adequada e desejada conservação.

Não há dúvida de que no caso da Amazônia, tanto o potencial da demanda quanto da oferta são muito significativos, mas uma avaliação mais profunda se faz necessária antes de se adotar o ecoturismo como estratégia desenvolvimentista, uma vez que sua abrangência, nomenclatura e regulamentação ainda não estão claramente definidas.

Na verdade a grande maioria do fluxo turístico internacional ainda se constitui de pessoas que não viajam movidas por um interesse muito específico, mas que escolhem os destinos em função de suas belezas naturais ou riqueza cultural, exigindo infra-estrutura de serviços compatível com suas expectativas e que, por suas demandas intrínsecas, promovem um expressivo impacto ambiental e cultural nas áreas visitadas. Por outro lado, está crescendo a minoria daqueles que procuram em suas viagens um profundo e íntimo contato com a natureza, os quais decidem para onde vão exatamente em função do nível de aproximação que possam ter com a fauna e flora mais selvagens e as culturas mais primitivas. Para que o contato e a experiência sejam legítimas, eles não são exigentes quanto aos serviços nem à infra-estrutura, e por isso geram poucos benefícios econômicos.

A estrutura comercial, mercadológica e operacional da atividade turística é muito mais complexa do que a maioria das pessoas pensam. Um adequado conhecimento de suas especificidades é fundamental para a tomada de decisões corretas sobre que tipo de política se pretende adotar e até que ponto o ecoturismo pode ser uma alternativa, um complemento ou apenas um substitutivo para a situação de pobreza em que vive nossa população hoje em dia.

Para solucionar esse impasse duas considerações são importantes e devem necessariamente ser abordadas:

- a) a disparidade existente entre a imagem da Amazônia e sua realidade;
- b) a definição do tipo de desenvolvimento que se almeja e do tipo de pobreza que se pretende eliminar.

Quanto ao primeiro aspecto, percebe-se, de imediato, uma distorção gritante entre as interpretações que o mundo desenvolvido e até mesmo os brasileiros de outras regiões dão à problemática amazônica, em comparação com o ponto de vista do homem da região. Tome-se, por exemplo, uma fotografia de queimada publicada numa revista qualquer de grande circulação. Para a esmagadora maioria dos leitores a imagem se traduz em *destruição*. Para o caboclo, que nasce, vive e morre sem sair da floresta, aquela queimada representará sua opção de ganho, seu salário e/ou pedaço de terra onde vai plantar sua roça, enfim, é sinônimo de *sobrevivência* e não de destruição. A grande maioria deles entende que a floresta é uma barreira verde tão grande que jamais conseguirá ver o mundo do outro lado. Para evitar que o caboclo desmate e queime, é preciso dar a ele outra opção para ganhar a vida. Enquanto governo, cientistas e sociedade não encontram a resposta, pouco direito terão de criticar, proibir ou coibir.

Por outro lado, quando a televisão apresenta o padrão de vida desfrutado nos países mais desenvolvidos, cria-se no habitante da região a esperança de um dia ter também uma qualidade de vida semelhante, com toda assistência e infra-estrutura, enfim, as facilidades e confortos da vida moderna, ainda que fosse só a água encanada ou eletricidade, mas isto é um sonho. O planeta Terra não comporta o padrão de vida, de demanda de energia e de consumo de recursos naturais, e os índices de poluição dos países ricos, aplicado para os seus 6 bilhões de habitantes. Isto resume a questão a três opções: ou os ricos aceitam diminuir seu padrão de vida, ou os pobres se conformam em nunca alcançar o sonho, ou então juntos, de forma cooperativa, buscam uma outra alternativa de desenvolvimento e crescimento econômico que seja compatível com a capacidade de sustentação da vida no mundo.

A outra consideração de caráter doméstico diz respeito à definição política de qual é o tipo de desenvolvimento que se pretende alcançar ou promover. Se é o puramente econômico com aumento de produto interno e de renda ou se é o "integral" onde não necessariamente se tem mais dinheiro no bolso, mas o cidadão dispõe de mais assistência e melhor qualidade de vida.

A pobreza que aflige os amazônidas não é a material, mas sim a social, o isolamento, a falta de transporte, de assistência médica, de escolas, de assistência e orientação para a produção - coisas que não se pode comprar mesmo que se tivesse um nível de renda maior.

É precisamente aqui que o turismo como atividade econômica compatibiliza sua implementação com a valorização dos patrimônios culturais e naturais, produz um impacto ambiental mínimo se comparado com atividades tradicionais, consegue proporcionar um desenvolvimento integral, além de mostrar ao mundo e ao Brasil a "verdade verde" da Amazônia.

3 O DESENVOLVIMENTO DO ECOTURISMO NA AMAZÔNIA

Enquanto isso, no Amazonas, independente das questões teóricas e acadêmicas que envolvem o ecoturismo, independente de estar enquadrado nas definições ou classificações, foi lançado um desafio à capacidade e criatividade para prestar uma contribuição à busca de respostas para o problema da pobreza e do meio ambiente.

Numa ação conjunta da Emantur, com a Fundação Vitória Amazônica e a Universidade do Amazonas, assessorados por professores e alunos das Universidades do Colorado e do Tennessee (Estados Unidos) e com integral apoio logístico e financeiro da iniciativa privada do setor, foi iniciado um extenso trabalho de *identificação e quantificação* dos impactos sociais, ambientais e econômicos promovidos pelo turismo, bem como a *definição* de mecanismo e o estabelecimento de políticas e procedimentos que assegurem:

- a) ao cabloco amazônica: melhores condições de vida e reais benefícios;
- b) ao meio ambiente: uma poderosa ferramenta que valorize os recursos naturais e justifique economicamente sua conservação e uso racional;
- c) ao Estado e à Nação: uma fonte de riqueza, divisas e empregos;
- d) ao mundo: a oportunidade de manter para as gerações futuras o magnífico “tesouro natural” das florestas tropicais amazônicas, através da participação de cada visitante que, ao vir para a região, estará conhecendo a verdade e contribuindo pessoalmente com o desenvolvimento do turismo e, conseqüentemente, com a conseqüência da *economia* com a *ecologia*.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DEL TURISMO. *El Turismo hasta el año 2.000* - Aspectos cualitativos que afectan su crecimiento mundial. Madrid, OMT, 1991. (Documento de Debate - Resumen de Trabajo)